

A Quarta Cruzada
e a identidade
cristã: a
abordagem pós-
colonial de
George E.
Demacopoulos.

Rodrigo Fernandes
Vicente*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p583-589

DEMACOPOULOS, George E. Colonizing Christianity.
Greek and Latin Religious Identity in the Era of the
Fourth Crusade. Nova Iorque: Fordham University
Press, 2019, 223p.

Rodrigo Fernandes Vicente

Colonizing Christianity. Greek and Latin Religious Identity in the Era of the Fourth Crusade é o mais recente trabalho do historiador estadunidense George E. Demacopoulos. Publicado em 2019 pela *Fordham University Press*, este livro nos apresenta uma análise historiográfica da Quarta Cruzada, muito bem embasada em fontes, e com forte influência das teorias pós-coloniais, tão em voga nas ciências humanas nos últimos anos e tão pouco presentes na historiografia medieval.

Demacopoulos é professor de teologia na Universidade de Fordham, em Nova Iorque (EUA), onde também é vice-diretor do Centro de Estudos Cristãos Ortodoxos. A sua bibliografia é majoritariamente relacionada à história do cristianismo primitivo e à atuação do papado na antiguidade tardia. Destacam-se seus trabalhos referentes à construção do discurso sobre a primazia de São Pedro pelo bispado romano, em *The Invention of Peter: Apostolic Discourse and Papal Authority in Late Antiquity* (2013), e o pontificado e a obra de Gregório Magno em *Gregory the Great: Ascetic, Pastor, and First Man of Rome* (2015).

Influenciado por uma abordagem pós-colonial e utilizando-se dos trabalhos de Edward W. Saïd e Robert J. C. Young, no decorrer de sua investigação Demacopoulos procura apresentar a Quarta Cruzada como um projeto dos latinos – liderados pelos francos e venezianos – interessados em estabelecer no Oriente um entreposto comercial e político-religioso. Ele sustenta a sua argumentação através de seis análises de casos e fontes primárias sobre a Cruzada e os seus desdobramentos, que compõem os capítulos do livro.

O primeiro capítulo dedica-se à análise da crônica *A conquista de Constantinopla*, escrita em língua vernácula pelo francês Roberto de Clari (c.1170 – 1216), cavaleiro que participou do assalto a Constantinopla, em 1204. Segundo Demacopoulos, estes

A Quarta Cruzada e a identidade cristã

relatos são importantes fontes para compreendermos o caráter colonial da Quarta Cruzada, pois elas carregam as concepções dos colonizadores em relação aos colonizados, ressaltando o que consideravam como a degeneração dos hábitos “gregos” e defendendo a virilidade latina perante a covardia bizantina. Durante seus relatos, Roberto de Clari tentou demonstrar como os códigos de cavalaria e a virilidade do cavaleiro francês causavam impacto nas mulheres locais, afirmando que elas se sentiam atraídas por eles. Referenciando Saïd, Demacopoulos deixa claro em sua análise como a dominação sexual foi um elemento importante da dominação política, através de estupros e aculturação por casamento, fatores também presentes em Constantinopla sob o jugo ocidental (DEMACOPOULOS, 2019, p. 30).

Ao descrever o glorioso passado greco-romano-bizantino, Clari colocou os franceses como seus legítimos herdeiros, a despeito dos bizantinos do século XIII. No entanto, em nenhum momento o cavaleiro condenou a fé dos gregos: as diferenças teológicas e o Grande Cisma de 1054 não apareceram como a principal motivação dos ataques, mas sim os valores viris e a honradez. Para ele, os erros desse povo se relacionavam com o fato de não serem compatíveis com a ideologia política francesa e de serem insubmissos à Sé de Roma (DEMACOPOULOS, 2019, p. 38-40).

No segundo capítulo, o autor se dedica a pensar a *Hystoria Constantinopolitana* de Gunther de Cister (ou de Paris, c. 1150 – c. 1220). Sendo monge, Gunther procurou ressaltar em sua crônica as igrejas e as relíquias nelas presentes, e demonstrou certa distinção – que Demacopoulos descreve como algo similar à relação de mestre e servo – do clero latino sobre os padres ortodoxos, estipulando uma clara noção de superioridade entre ocidentais e orientais. Uma das passagens mais destacadas pelo pesquisador é quando, durante o saque das relíquias das igrejas de Constantinopla, Gunther erotizou um dos monges locais que os auxiliavam na espoliação

(DEMACOPOULOS, 2019, p. 54). No decorrer de seu texto, o monge caracterizou Constantinopla como uma terra exótica e erótica. Desse modo, o saque e a dominação deste território seriam, concomitantemente, uma punição divina pelos seus “desvios”, ao mesmo tempo que poderiam funcionar como dádiva para que os gregos assimilassem uma cultura “superior” – assim, os cruzados estariam “salvando” os bizantinos deles mesmos.

A série de correspondências escritas pelo Papa Inocêncio II, analisadas no capítulo seguinte, segue a mesma linha da *Hystoria* de Gunther. De fato, a principal ambição do papado era um processo de “reunificação” da cristandade que havia sofrido um profundo trauma com a dupla excomunhão do Papa e do Patriarca de Constantinopla, em 1054. Para que isso ocorresse, se fez necessário um processo de “descristianização” dos bizantinos em face da ambição do papado em trazê-los para a órbita de Roma (DEMACOPOULOS, 2019, p. 66). Com efeito, Demacopoulos vê uma ambivalência no discurso de Inocêncio II na medida em que, ao mesmo tempo que os gregos eram cristãos, eles eram inimigos de Deus. A dominação pela fé foi outro dos pontos principais da dominação colonial, e isso é ressaltado vivamente no texto: os gregos, apesar de serem cristãos, eram insubordinados a Roma. Portanto, do ponto de vista teológico, era justificável todo o sofrimento deles (DEMACOPOULOS, 2019, p. 81).

Demetrios Chromatianos, arcebispo de Ocrida – atual Macedônia – de 1216 até 1236, é outro clérigo envolvido na Quarta Cruzada e se dedicou a diferenciar claramente gregos e latinos em sua *Ponemata* e demais escritos canônicos. Neste quarto capítulo, Demacopoulos se apoia nos trabalhos de Robert Young sobre a teoria da raça e a dicotomia colonizado/colonizador; no caso, essa categoria é adaptada para latinos/gregos e católico/herético. Outro trabalho aqui presente é o de

A Quarta Cruzada e a identidade cristã

Mary Douglas sobre pureza e poluição. Esses pensadores são fundamentais para refletir sobre o medo que Demetrios apresentava em seus escritos a respeito dos casamentos inter-raciais e dos filhos mestiços que eles geravam. É óbvio que havia semelhanças entre gregos e latinos, porém as diferenças se sobressaíam: ambos acreditavam na trindade e no batismo, mas adotavam dogmas e seguiam lideranças distintas (DEMACOPOULOS, 2019, p. 99). O professor aponta o que é evidente: houve casamentos entre latinos – em sua maioria homens, cavaleiros e demais aventureiros que se envolveram nas Cruzadas – com mulheres gregas. Para Chromatianos, o hibridismo entre as duas raças – isto é, os filhos gerados – configurava uma ameaça à "pureza" dos latinos, obscurecendo assim, a distinção entre o dominador e o dominado. Ou seja, a superioridade dos católicos latinos não se fazia mais tão clara.

Os últimos dois capítulos se dedicam à análise da *História*, de Jorge Acrapolita (1217–1282), que foi escrita logo depois à expulsão dos cruzados e à restauração dos Paleólogos na década 1270; e à Crônica de Moreia. Demacopoulos coloca ambas as fontes como um contraponto às que foram apresentadas nos capítulos antecessores – principalmente porque foram escritas pelos dominados, sendo a *História* de Jorge Acrapolita elaborada posteriormente à expulsão dos cruzados de Constantinopla. Na *Historia*, vemos uma tentativa constante Acrapolita em estabelecer o Império de Nicéia como sendo legítimo, pois se tratava da corte imperial no exílio enquanto Constantinopla estava usurpada pelos latinos. Em uma lógica inversa à apresentada pelos documentos anteriores, o historiador grego considerava os latinos perigosos e, por outro lado, não suficientemente cristãos, pois não seguiam a ortodoxia. Neste caso, unicamente pelo fato de serem cristãos, ele não os considerava como o maior perigo para a ortodoxia grega dado que, quando expulsos os cruzados e durante toda a dinastia Paleóloga, foram os turcos muçulmanos que tomaram para si o

protagonismo de ameaça constante ao Império Bizantino.

Outro ponto interessante do escrito de Jorge Acropolita foram as tentativas de negociação das elites autóctones e os conquistadores, procurando estabelecer um trato em que as diferenças religiosas fossem respeitadas (DEMACOPOULOS, 2019, p.111). A *Crônica de Moreia* (ou Crônica do Peloponeso) se apresenta como uma fonte intrigante. Neste documento anônimo, observamos as tentativas dos conquistadores em estabelecer na península do Peloponeso – chamada de Moreia pelos francos – uma forma de organização fundiária análoga ao modo de produção feudal presente na França no séc. XIII. Questões como a implantação do código de cavalaria, defendida como “cultura superior” (DEMACOPOULOS, 2019, 130), e o hibridismo cultural nos são apresentados neste documento.

George Demacopoulos não é o primeiro historiador a olhar para a Quarta Cruzada através das lentes da teoria pós-colonial. O medievalista israelense Joshua Prawer enxergou nas formações dos reinos cruzados no Oriente Médio uma primeira forma de projeção de poder colonial do Ocidente europeu. Em 1972, quando ainda havia intensas lutas anticoloniais em África e Ásia, Prawer publicou *The Crusaders' Kingdom: European Colonialism in the Middle Ages*. Desde então, tivemos um grande crescimento da produção teórica pós-colonial: nomes como Edward Saïd, Robert Young, Frantz Fanon, entre outros, nos dão grandes contribuições para fazermos uma nova leitura do medievo através das relações de poder entre dominadores e dominados. Igualmente, são obras importantes para que o medievalista detenha consigo um arsenal teórico o qual possibilite o diálogo com os novos estudos em história da África e da Ásia, ascendentes no meio acadêmico brasileiro nas últimas décadas. Debates envolvendo raça, gênero, direito das minorias LGBTQIA+ estão em voga no nosso tempo, e é fundamental ressaltá-los, sobretudo na historiografia

A Quarta Cruzada e a identidade cristã

medieval, a qual por vezes se mostra tão carente nestes aspectos – principalmente no cenário brasileiro.

Infelizmente, toda obra de Demacopoulos, incluindo este livro em específico, não se encontra traduzida para o português, mas sem dúvidas uma futura tradução seria uma grande contribuição – principalmente se o tradutor conseguir manter a escrita didática e envolvente do autor. Em uma época na qual o historiador medievalista tem como indispensável o dever de combater os constantes revisionismos fabricados pela extrema-direita ascendente em nível global, que constantemente se apropriam da narrativa de um passado medieval onírico no qual as cruzadas são reduzidas a um mero conflito de cristãos *versus* muçulmanos, consideradas assim parte integrante de um “momento glorioso” da cristandade. Neste âmbito, uma obra sobre o domínio e o conflito violento entre os próprios cristãos se torna fundamental.

Referências bibliográficas

DEMACOPOULOS, George E. **The Invention of Peter**. Apostolic Discourse and Papal Authority in Late Antiquity. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013.

__. **Gregory the Great**. Ascetic, Pastor, and the First Man of Rome. Norte Damme: Norte Dame University Press, 2015.

__. **Colonizing Christianity**. Greek and Latin Religious Identity in the Era of the Fourth Crusade. Nova Iorque: Fordham University Press, 2019.

PRAWER, Joshua. **The Crusaders' Kingdom**: European Colonialism in the Middle Ages. London: Phoenix Press, 1972

SAÏD, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

YOUNG, Robert J. C. **Colonial Desire**: Hybridity in Theory, Culture, and Race. London: Routledge, 1995.